

EM CONVERSA COM JOSÉ SARNEY, GUSTAVO MARIANI CONTA QUE O HOJE SENADOR VIA NO GENERAL-PRESIDENTE A MOLA PROPULSORA RUMO À ABERTURA POLÍTICA

A dureza que parou Frota

O ex-presidente da República e hoje senador José Sarney não tem nenhuma dúvida em imputar ao ex-presidente Ernesto Geisel a força maior, decisiva e propulsora da abertura política que encaminhou o Brasil para o fim do ciclo dos governos militares.

"Ele tinha um jeito duro, muito estrutural, mas aquilo decorria da sua formação, de quem passou por escolas militares. É dali que sai a sua tese de abertura lenta, segura e gra-

dual, que ele estabeleceu para a volta do País à democracia", analisa o senador. A tese de abertura de Geisel ficou conhecida por "distensão política", como era citada quase que diariamente na imprensa brasileira da época.

Sarney viu Geisel deixando o País "em um momento muito delicado" quando afastou o seu ministro do Exército, o general Sylvio Frota, naquele outubro de 1977. "O que todos nós temíamos, dentro do Congres-

so Nacional, era a possibilidade de haver um retrocesso político, uma quartelada", revela Sarney.

Embora não tivesse, no primeiro semestre de 1977, a evidência de senadores como Petrônio Portella (Arena-PI), presidente do Congresso Nacional, ou Eurico Rezende, líder do governo no Senado, Sarney foi o nome escolhido por



Geisel para presidir o partido de sustentação ao Governo, após a saída de Francelino Pereira para o governo de Minas. A imprensa especulava nomes, mas quando se publicou que o primeiro-vice-líder arenista no Senado, Jarbas Passarinho, já estaria definido como o sucessor de Francelino, o Alemão ficou indignado. E por

achar que estavam passando por cima da sua liderança, decidiu ditar os caminhos a seguir.

"Como o presidente Geisel não deixava de levar em conta a minha patente de coronel do Exército, ele não queria um presidente da Arena fardado. Então, promoveu um genocídio no Diretório Nacional do partido, obrigando 15 membros a renunciar. Assim, haveria uma vaga e foi então que ele escolheu Sarney para a vaga aberta pelo Francelino", ex-

plica Jarbas Passarinho.

De sua parte, Sarney tem outra versão para a sua decolagem rumo ao topo da Arena. "Geisel convidou-me para comandar a Arena e construir o futuro partido do governo, o PDS (Partido Democrático Social), para o qual escrevi o manifesto, com idéias democráticas muito importantes. Ele havia admirado muito do meu trabalho como relator da emenda constitucional que acabou com o AI-5", afirma Sarney.

FROST FREE 413 LITROS

Electrolux
Refrigerador
2 portas Frost Free
Electrolux 413 litros
Prateleiras de vidro.

REFRIGERADOR ELECTROLUX FROST FREE

ou 0+18 no carnê

R\$ 249

sem entrada

à vista R\$ 2.799,00

Brossard entra na mira

Futuro presidente da Arena, o hoje senador José Sarney não havia feito nenhum pronunciamento de grande repercussão no Senado, até o fechamento do Congresso — em 1º de abril de 1977 — pelo presidente Geisel. Naquele período, as falas mais destacadas pela imprensa haviam sido dos senadores Luiz Viana Filho (Arena-BA), Theotônio Vilella (AL) e Orestes Quêrcia (MDB-SP), este defendendo-se de uma acusação de ser corrupto.

Embora o senador Eurico Rezende subisse à tribuna quase que diariamente para defender o governo, coube a Jarbas Passarinho a tarefa de responder a Paulo Brossard (MDB-RS) pelos ataques a Geisel, a quem o parlamentar gaúcho chamara de "Constituinte do Riacho Fundo", por editar o Pacote de Abril, um conjunto de medidas que representava um retrocesso político.

Continha, inclusive, itens abolidos pelo mais severo governo militar, o do presidente Médici, do qual o irmão de Geisel, Orlando, como ministro do Exército, era a mais nítida essência da linha dura.

Sempre alertando que ainda tinha o AI-5 nas mãos, o Geisel não gostara dos ataques sofridos da parte de Brossard e irritou-se com a defesa que lhe fora feita por seu líder no Senado, Eurico Rezende.

Na ocasião, ele deixou claro ao chefe do Serviço Nacional

de Informações (SNI), o general João Figueiredo, que estava diante de duas alternativas: cassaria os direitos políticos de Brossard ou encomendasse outro discurso capaz de aplacar sua ira.

Chama o Passarinho

As consultas de Figueiredo incluíram um historiador, Luiz Viana Filho (Arena-BA), e um literato, José Sarney (Arena-MA). No entanto, o futuro general-presidente lembrou-se da fama de grande orador de Jarbas Passarinho (Arena-PA), o chamou e disse: "O Alemão está indignado e pode cassar o Brossard", conta Passarinho.

O duro discurso de Passarinho contra o futuro ministro da Justiça do governo Sarney não melhorou, nem um pouco, as chances de o orador ser o presidente da Arena. Geisel ditava, soberano.

Hoje, Passarinho reside em Brasília e escreve um livro sobre a Amazônia. Sarney é um dos mais influentes nomes do Governo Lula e está escrevendo suas memórias políticas.

"Como presidente da República, tive a honra de presidir a transição para a democracia, iniciada por Geisel. Esta democracia que o Brasil vive hoje, acho que eu dei uma boa contribuição", entende Sarney, que deve colocar nas suas memórias mais detalhes sobre os sobressaltos com a demissão do ministro do Exército, Sylvio Frota. Afinal, ele era vice-líder do governo no Senado.